

Festa, Pompa e Ritual. A Aclamação de D. Maria I

*Maria Manuela MILHEIRO **

D. José falecera a 24 de Fevereiro de 1777. Após a morte do Monarca, sua filha mais velha D. Maria Francisca, casada com seu tio o Infante D. Pedro iria assumir a chefia do Reino como soberana.

A morte do Rei provocou o afastamento do Marquês de Pombal e de imediato se fizeram sentir as reacções anti-pombalinas.

D. Pedro, temendo pela ira popular que poderia estragar o ambiente de Festa que se preparava para a solene Aclamação da Rainha, em que os “Vivas” à Soberana fossem apagados pelos “morras” ao Marquês, tomou as providências que considerou necessárias.

Pela calada da noite “a lamina de bronze aonde nesta se esculpia o mal encajado Marquez para que fazendo outra se possesse nella as armas da cidade que são hum navio a vella com dois corvos hum na popa outro na proa, o que tudo se fez com o maior segredo que foi possivel e para se entrar a manobra de esta se collocar extrahindose a outra do pedestal se elegeu a alta noute por conta do povo que se amotinaria de gosto e succedeu isto pelos primeiros dias de Maio em que postas sentinellas nos caminhos não deixavão passar pessoa de qualidade nem carruagem alguma enquanto se estivesse de noite com a dita manobra”¹

O trabalho demorou mais tempo do que se imaginou já que a placa estava solidamente fixada.

Os comentários irónicos logo se fizeram ouvir, afirmando mesmo um dos presentes que se o Marquês soubera que ia ser sacada a sua memória nem a de El Rei mandaria colocar.

O resultado desejado foi alcançado pois no dia da Festa a multidão de povo que ocorreu a celebrar o evento não regateou manifestações de alegria e homenagem aos Soberanos esquecendo ressentimentos recalcados.

No dia 12 de Maio o Bando percorreu ruas e praças de Lisboa determinando que todos os moradores da cidade e seus subúrbios colocassem vistosas luminárias nas suas casas, na noite da gloriosa Aclamação.

* *Universidade do Minho.*

¹ Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.) – *Manuscrito 349* p. 39

Uma numerosa cavalgada em cavalos bem ajaezados com figuras vestidas de forma garrida, com muitas plumas nos chapeús anunciaram as Festas e convidaram o povo a participar nelas.

Bando:

- 1 – Música do Regimento de cavalaria do cais.
- 2 – Neto ricamente vestido à cortesã com penachos, a cavalo.
- 3 – Meirinhos de todos os bairros da cidade.
- 4 – Senado da Câmara com seus Vereadores.
- 5 – Dezembargadores bem vestidos, montados em cavalos ricamente ajaezados.
- 6 – Inúmeros criados bem fardados com cavalos.
- 7 – Cavalaria.

Não era costume o Bando ter uma composição tão nobre mas somente o Neto e alguns oficiais da Câmara, mas o Marquês de Pombal exigira um Bando com maior dignidade por ocasião dos festejos para a inauguração da Estátua Equestre de D. José em 6 de Junho de 1775, e conta-nos um relato da época que com maior razão se renovava a função com toda a “grandeza e alegria”:

“Este ilustre acompanhamento foi de manha ao Passo da India e deste caminhou toda a cidade. Reparou-se não hir o Conde de Oeiras Presidente do Senado mas este se recusou por mulesto ou estar doente na rialidade.

Nestas funções não costumava hir o Senado da Camara hia somente o Neto e alguns oficiais do Senado mas o Marquez de Pombal na colocação da Estátua Equestre abriu a este e agora não quis com muita mais razão faltar a hum acto tão sublime o mesmo Senado”².

No Terreiro do Paço foram construidos Palanques e Camarotes destinados principalmente às damas. As janelas das casas viradas para a praça eram igualmente ocupadas por espectadores.

Na manhã do dia 13 de Maio, as embarcações no Tejo, enfeitadas com bandeiras e galhardetes de várias cores, faziam um alegre aparato. No Castelo foram hasteadas cinco bandeiras.

Diz um relato coevo que foram erguidos três Teatros:

Teatro Sacro – a Igreja

Teatro político e profano – o Palácio

Teatro de Corte - a Varanda da Aclamação.

Foi erguida uma igreja de madeira com 100 palmos de cumprimento e 50

² A.D.B. – *Manuscrito Livro Curioso* pp. 278-279

de altura com o tecto em abóbada de berço, coberto de gesso branco, sem qualquer decoração.

Na parede da parte do Evangelho ergueu-se uma tribuna para o coro e órgão e defronte desta uma maior para os músicos, ambas separadas da nave por balaustradas de madeira recortada, formando hemicírculos.

Por cima do portal um coro alto dava acesso ao Palácio. Ligada à igreja construiu-se uma sacristia e não faltou a Torre sineira onde se colocaram sinos que tinham pertencido à Patriarcal, salvos de terramoto. Os restantes tinham sido fundidos para a Estátua Equestre de D. José por decreto do Marquês de Pombal.

A igreja foi coberta de damasco carmezim agalado a ouro, o altar coberto com um docel de damasco dourado e encarnado com galões e franjas douradas. A tribuna da Rainha Mãe forrada de veludo carmezim bordado a ouro com galões, tinha no teto as armas reais bordadas e uma cortina de damasco dourado e carmezim.

Mantinha-se corrida por respeito ao luto da Soberana.

Os Coretos e o Coro alto foram armados com seda encarnada, o átrio com panos de raz, os assentos da Prelatura e degraus dos Caudatários com pano verde. O carmezim dava o tom aos cubículos destinados aos Ministros Principais, Monsenhores e Beneficiados.

Algumas peças de mobiliário completavam a decoração com aspectos funcionais³.

Pelas 9 horas da manhã começaram a chegar os Principais conduzidos em coches novos puxados por seis cavalos com seus lacaios. Os Monsenhores saíram de carruagens a quatro cavalos.

Os Ministros da Capela e seus criados foram-se aproximando do local.

Logo que foi recebido o aviso do Paço anunciando que Suas Majestades não iriam assistir à missa, os sinos tangeram pelas 10 horas e o Principal Decano, D. Tomás de Almeida e seus assistentes paramentados de encarnado e ouro deram início à função.

A Missa “foi dirigida ao Divino Espirito Santo para ilustração dos novos Monarchas em o acerto do bom regimen do seu Reino”⁴.

Pelas 11 horas chegou a Família Real entrando pela porta da Ribeira das Naus – A Rainha, o Rei, os Príncipes do Brasil D. José de D. Maria Benedita, as Infantas D. Maria Ana e D. Mariana Victória e o Infante D. João, com 10 anos de idade, futuro Rei, nomeado Condestável do Reino por Decreto de sua mãe. A Rainha Mãe chegou um pouco mais tarde.

Entretanto os armadores tinham substituído o docel encarnado do altar por outro de damasco branco e dourado. Armaram o lugar em que as Pessoas Reais deveriam render graças diante do altar colocando doze tamboretas e almofadas para os joelhos. O frontal do altar vermelho foi substituído por outro branco e sobre ele uma finíssima toalha de renda dourada.

³ A.D.B. – *Manuscrito 349*³ pp. 51-56

⁴ A.D.B. – *Manuscrito 349*³ p. 58

Enquanto os últimos ritos se processavam na igreja grande número de pessoas deslocava-se para o local nas suas carruagens, assim como uma multidão de populares. Os regimentos de Infantaria espalharam-se pela praça para manter a ordem e reprimir qualquer desacato.

Seguimos novamente um relato coevo:

“A gente que se achava somente no plano ou chão da Praça à hora da Aclamação faço computo seguro de ser quinze até vinte mil pessoas de toda a idade e sexo, e na varanda, janellas dos palácios, camarotes das arcadas e varias outras janellas e varandas que cahião para a mesma Praça serião outras tantas. Tambem fazia alegre aparato a vista do mar, porque muitos navios forão ancorar no mar fronteiro à varanda e as Embarcaçoens de menos lote e as mais pequenas se chegavão muito à terra e nellas estava muita gente e o que mais fazia aprazivel a vista era o velas esgaipadas, e bem empavezadas de muitas e diferentes bandeiras, flamulas e galhardetes que se matizavão bem humas cores com outras. O Castelo por suas sinco bandeiras e algumas torres as tinham”⁵.

Após uma breve oração na igreja a Família Real dirigiu-se ao Palácio para jantar.

O espaço até então ocupado pelos Tribunais, que tinham sido deslocados para outras dependências encontravam-se transformados. Dividiram-se compartimentos, abriram-se portas para criar salas de jantar, salas de estar e camarins todos armados com sedas e os moveis necessários tal como nos é relatado:

“Se dividirão com repartimentos de madeira e em outras se abrirão novas portas em que derão muito trabalho e despeza todas estas casas para se porem ao bom comodo da familia Real; pois como todas as Pessoas dos Soberanos, Principes, Infantes, e todos os Fidalgos da obrigação e mais pessoas que servião à Real familia vierão para esse Palacio de manhã se fizerão casas de jantar, outras para descansar, outras para vestuarios, camarins e mais comodos percisos que fazião um grande numero, e todas se armarão conforme o ministerio de que servião”⁶.

Na sala de jantar destinada à familia Real a mesa fora posta com toalha adamacada, louça da China, vulgarmente chamada companhia das Indias e a baixela de prata Germain que foi aqui usada pela primeira vez. A comitiva régia distribui-se por outras salas.

Pelas 4 da tarde o cortejo régio encaminhou-se para a Varanda da Aclamação.

A Rainha apresentava-se ricamente vestida com um vestido de tafetá branco bordado a fio de prata, recamado de lantejoulas, canutilhos e palhetas douradas. O peitilho de vestido era guarnecido com flores de brilhantes.

A Cruz da Ordem de Cristo em diamantes pendia de uma fita cor de fogo, e ainda outras joias de brilhantes. Na cabeça cingia uma coroa de diamantes.

O manto real era de volante carmezim com fios de prata e pendia do ombro alongando-se numa cauda de 22 palmos de comprimento. Bordado com as quinas reaes estava recamado de lantejoulas, canutilhos e palhetas douradas e preso por duas presilhas de brilhantes de alto valor.

⁵ A.D.B. – *Manuscrito 349³* p.60

⁶ A.D.B. – *Manuscrito 349³* p.49



Fig. 1 – Rainha D. Maria I

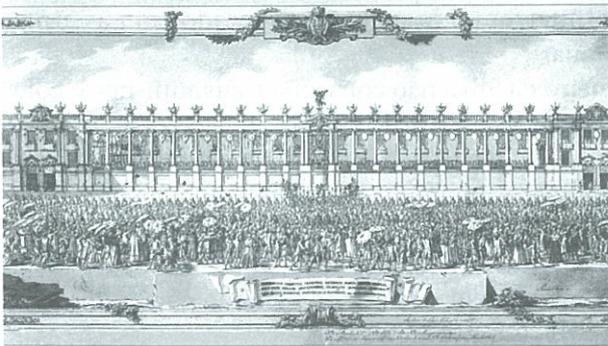


Fig. 2 – 1777 - Mateus Vicente de Oliveira.
Varanda da Aclamação de D. Maria I

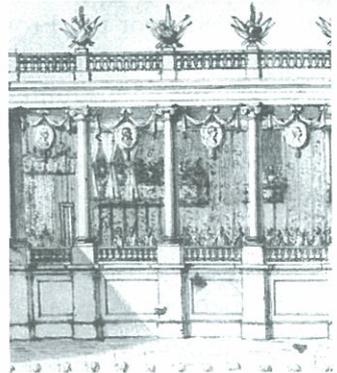


Fig. 3 – Camarote Régio da
Varanda de Aclamação

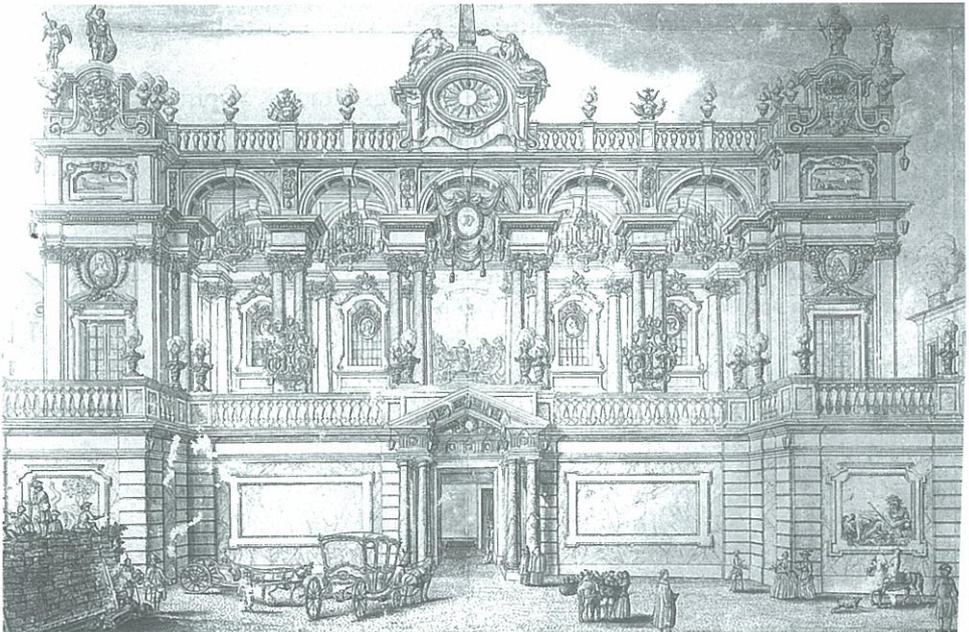


Fig. 4 – Luminárias da casa de Jacob Estraus, autoria de António Zuzarte

Segurava no manto real a Marqueza camareira D. Mariana de Mendonça, filha do 3º Conde de Vila Flor, viuva de D. António Inácio da Silveira.

O Rei vestia de veludo de riscas cor de fogo bordado a lantejoulas e canuti-lhos, punhos de renda e botões de diamantes. O espadim e as fivelas de ouro. Pendia-lhe do ombro uma opa roçagante com o mesmo comprimento da Rainha em lhama de prata bordada a ouro. Na presilha três brilhantes e Cruz da Ordem de Cristo em diamantes.

Na cabeça, sobre a cabeleira um chapéu desabado dos dois lados adornado com plumas brancas com botão e presilha de brilhantes ⁷.

A armação da Varanda era construída em madeira mas as telas pintadas e toda a decoração nobilitavam esse material pobre.

A Varanda estava encaixada entre dois Torreões e teria cerca de 100 metros de comprimento por 10 de altura. O corpo central avançava para o exterior sobrepujado por um Frontão interrompido na base, decorado com as armas régias e no topo a figura da Fama.

A gravura de Joaquim Carneiro da Silva não consegue transmitir-nos o colorido da obra concebida por Mateus Vicente de Oliveira.

Diz-nos um manuscrito da época que as paredes dos Torreões eram de mármore escura. A base de toda a construção imitava mármore amarela clara, com veios brancos.

Entre os pedestais havia painéis de almofada com molduras em azul e ainda outra quebrada nos cantos em meio círculo convexo enfeitado com botões. No centro um grande florão .

A moldura e a arquitrave deste primeiro corpo eram de mármore escura. Os socos e as colunas de pedra vermelha com veios brancos.

As bases, os capiteis, a balaustrada e todos os ornatos em relevo estavam dourados. A arquitrave sobre as colunas e balaustrada do telhado em mármore escura mas o frizo em vermelho.

Os Trofeus imitavam a cor dos objectos representados, as pirâmides fingiam mármore ⁸.

Armadores forraram o interior a veludo e damasco dourado e colocaram as cortinas e os festões com galões dourados.

O Docel do Trono pintado de encarnado foi coberto de tela e seda bordada a ouro rematado por uma guarnição de talha dourada. Esta peça assim como as cadeiras foram de autoria de Felix Vicente de Almeida.

O tecto da Varanda forrado de seda vermelha era decorado com painéis pintados restaurados pelo pintor João Berardi.

A decoração do Frontão central, os medalhões intercolúneos, os Trofeus e a estátua da Fama saíram da mão de Silvestre Faria Lobo.

⁷ VIRGOLINO, António Pedro – *Auto do Levantamento e Juramento de os Grandes Titulos Seculares Ecclesiasticos e mais Pessoas que se acharão presentes fizerão à muito Alta e Muito Poderosa Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria I Nossa Senhora, na Coroa destes Reinos e Senhorios de Portugal, sendo Exaltada e Coroada sobre e Régio Throno juntamente com o Senhor Rei D. Pedro III na tarde de treze de Maio Anno de 1777*. Lisboa Regia Officina Tipographica 1780

⁸ A.D.B. – *Manuscrito 349*³ p.46

Poderíamos ainda citar os douradores Jerónimo Gomes, Manuel da Fonseca Barroca, Francisco Pais, Vicente Ribeiro Alves e o bordador José Luis Camanha.

A música que se ouviu na Capela de manhã e tarde foi concebida para a função por António Leal Moreira e David Peres⁹.

Pelas 4 da tarde o Cortejo Real encaminhou-se para a varanda e os Monarcas subindo lentamente os largos degraus alcatifados dirigiram-se para o local do Trono situado junto ao Torreão Sul.

Ao lado das cadeiras régias um pequeno bufete coberto de damasco encarnado e dourado com uma almofada onde foi colocado o Missal, encadernado de veludo carmezim com chapas douradas ostentando as armas reais e o Crucifixo de ouro para o auto de juramento.

Numa outra mesa foram colocados a Coroa Real e o ceptro de ouro.

Toda a Varanda se encontrava coberta com tapetes da China.

O Desembargador do Paço José Galdes proferiu a sua oração. Quando esta terminou a Rainha, de joelhos repetiu o juramento de guardar a leis do Reino, lido pelo Visconde de Ponte de Lima. Serviram de testemunhas os Bispos de Elvas e o de Penafiel.

Em seguida a Rainha levantou-se e sentou-se no seu trono, tendo à sua esquerda o Rei D. Pedro e à direita o ceptro. O Príncipe D. José e o Infante D. João fizeram o seu juramento de fidelidade.

Então o Rei de Armas anunciou em voz alta:

“A Rainha Nossa Senhora manda que todos os grandes Titulos Prelados Ecleeziasticos e Seculares lhe venhão beijar a mão e dar o juramento de fidelidade sem haver entre si precedencia”¹⁰.

Cada um dos presentes correspondeu ao convite dizendo: Eu juro e prometo o mesmo.

Então o Conde de S. Lourenço desenrolou o estandarte que segurava e o Rei de Armas mais velho clamou: “Real, Real viva D. Maria primeira Rainha de Portugal”.

Imediatamente se fez ouvir o estrondo dos tiros anunciando a notícia da Aclamação. Os sinos repicaram e o povo que estava na praça acenando com lenços e chapéus começou a gritar em voz altíssima: Viva, Viva.

Quando a Rainha se debruçou na Varanda acenando com o ceptro e o Rei com a mão o delírio foi geral e no meio de tanto entusiasmo alguns chapéus entraram na Varanda. Os Timbaleiros reais, as charamelas e os clarins fizeram-se ouvir alegremente.

Concluido o Acto de Aclamação a Rainha e D. Pedro saíram da Varanda em Cortejo.

- 1 – Porteiros de Cana de capa e volta
- 2 – Doze Porteiros da Câmara com as maçãs de prata
- 3 – Reis de Armas, Passavantes, Arautos

⁹ *Arte Efémera em Portugal*, Lisboa 2000, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.290-293

¹⁰ A.D.B. – *Manuscrito Livro Curioso* p.281

- 4 – Alferes Mor, Conde de S. Lourenço com o Estandarte
- 5 – Camaristas
- 6 – Oficiais da Coroa
- 7 – El Rei
- 8 – Rainha
- 9 – Camareiro Mor
- 10 – Doze Damas do Paço aos pares
- 11 – Todas as restantes personalidades

O Cortejo dirigiu-se para a igreja. Os Soberanos colocaram-se sob o Pálio que os esperava à porta e entraram para assistir ao Fe Deum.

O Deão proferiu as orações apropriadas e após reverência aos Monarcas, abençoou toda a Família Real.

As Fortalezas, o Castelo e as embarcações no Tejo deram repetidas salvas de artilharia. Os sinos repicavam e o povo gritava num momento de liberdade ilusória em que lhe era permitida a espontaneidade.

No entanto as milícias estiveram sempre atentas para reprimir desacatos ou qualquer desvio indesejável.

Os três Teatros estiveram patentes ao público durante oito dias. Passado esse tempo tudo foi desmontado e retirado.

Pelas 10 horas da noite os Soberanos e a Família Real deram um passeio de coche pelas ruas da cidade, enfeitadas com soberbas Luminárias. O vento que se fez sentir desfez algumas, como as do Terreiro do Paço, que por isso não estava perfeitamente iluminado.

O Senado encarregou Mateus Vicente de Oliveira de construir as suas Luminárias. Mas nenhuma chegava à iluminação da casa de Jacob Pedro Estraus de autoria de Joaquim António Zuzarte.

“Mas nada chegava à iluminação de Jacob Pedro Estraus. Esta fingia um Palácio com huma soberba galeria sustentada com colunas.

Viasse no meio da fronteira o firmamento como sol girando deitando varios raios de luzes. As pinturas erão finissimas, emfim tudo delicadissimo com varios simbolos e figuras. Suas Magestades se dignarão ficar hum pouco para ver este brilhante espetacullo e neste tempo soarão os instrumentos de musica que o mesmo estrangeiro tinha preparado em duas orquestras no mesmo Palacio e iluminado absequio que satisfez muito ao gosto das Magestades”¹¹.

A iluminação era feita por candelabros, velas, fogaréus, tochas e archotes.

Os vivas populares acompanharam sempre os soberanos.

Esta Varanda de Aclamação seria a última realizada em Portugal. Instaurada a Monarquia Liberal este tipo de Aparato perdeu o sentido.

¹¹A.D.B. – *Manuscrito Livro Curioso* p. 288